



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

A FORMAÇÃO DO LEITOR INVESTIGATIVO E REFLEXIVO: O leitor, a leitura e a atuação do docente na escola

*Iriscleite da Silva França*¹
*Elisângela Oliveira Tavares*²
*Maria Edleuza da Paz*³
*Sônia Maria da Silva Lima*⁴
*Alessandra Porfírio da Silva*⁵
*Maria Isabel da Silva Martins*⁶

RESUMO

Este artigo tem como objetivo relatar a importância da formação do leitor investigativo e reflexivo na sociedade contemporânea e os possíveis problemas que ele poderá encontrar no decorrer de sua trajetória. O leitor reflexivo tem consciência que a leitura é um instrumento importantíssimo para o indivíduo no exercício da cidadania. E, todos os indivíduos independentes de classe social, deveriam, ou melhor, devem ter acesso ao mundo da leitura. Percebemos que é através dela que o indivíduo investigativo desenvolverá pensamentos críticos e conscientes, construindo seu espaço de liberdade e autonomia diante da sociedade que o cerca.

Palavra-chave: Leitor Reflexivo. Investigativo. Leitura.

¹ iriscleite@gmail.com

² ely_tavares@hotmail.com

³ mariaedleuza.leu@gmail.com

⁴ sonialima95@gmail.com

⁵ alessandraPorfirio203@gmail.com

⁶ isabell.maria2011@gmail.com

INTRODUÇÃO

Baseando-se na ideia de que ler e entender e alcançar melhor o mundo em que se vive, adquirindo informação, pode-se dizer que a leitura é um indicativo fundamental para o desenvolvimento de uma nação bem sucedida. Vista como um instrumento importantíssimo de poder, a leitura vem através dos tempos adquirindo seu papel na sociedade, que é o de contribuir como decodificadora de signos, embora, bem sabemos poderá ir muito além deste nível. Freire (1983) relata que os signos são os próprios fatos, acontecimentos, situações reais ou imaginárias em que os sons, paisagens, imagens tendem a melhorar a relação homem – meio - mundo.

Perante os avanços tecnológicos, como: os meios de comunicação, essa relação tem se tornado cada vez mais comprometida, pois a praticidade e versatilidade desses veículos de massa

MÉTODO

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica, onde a busca dos artigos a serem analisados foi realizada na base de dados BVS, Scielo e Google Acadêmico. A escolha dessa base de dados justificou-se por ser gratuita e de livre acesso. Foram utilizados no processo de busca os

proporcionam, contribuem para um número reduzido de leitores; conseqüentemente a leitura tem perdido seu espaço nesse meio e Silva (1988) toca num ponto crucial, que é a necessidade de se criar uma sólida tradição científica na área da leitura, procurando superar o descaso na investigação.

A seriedade de dar ênfase nesta investigação é por acreditar que o hábito de ler exerce uma grande força num contexto social, político, econômico e cultural de um povo e uma nova perspectiva de vida e visão de mundo. Confirmado esse acordo, Silva (1984), "aborda que a leitura é um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade." Mas para isso é preciso que o povo brasileiro tome consciência de que a leitura é um instrumento importantíssimo e por isso devemos fazer um esforço maior para adquirirmos o hábito de ler.

descritores, em português: Leitor Reflexivo. Investigativo. Leitura.

A importância da Prática de leitura

O desenvolvimento do trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a probabilidade de produzir textos eficazes, eficientes tem sua procedência na prática da

leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modalizadoras (GIBIM E GOMES, 2019). A leitura, por um lado, nos fornece a matéria prima para a escrita: isto é, o que escrever. Por outro contribui para a constituição de modelos: como escrever. No entanto, deve-se trabalhar mais neste sentido, pois segundo Silva (2005) existem levantamentos superficiais ânticos, constatando o óbvio, ou seja, que são poucos os leitores no país.

A leitura é um processo importantíssimo, pois através dela o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero do portador, do sistema de escrita, etc. Não se limita simplesmente em extrair informação da escrita decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser constituídos antes da leitura propriamente dita (FINKLER e NEGREIROS, 2018).

Nessa perspectiva em que tanto a leitura como a escrita recebe influência uma da outra, faz sentido, porque muitas vezes na hora da leitura o aluno corta algumas letrinhas, principalmente quando a palavra está no plural. O aluno acaba pronunciando

a palavra no singular.

“É frequente, entre nós, fazer o plural marcando – o apenas no primeiro elemento do sintagma, dizendo, por exemplo, o relógio. Essas construções, quando não são simplesmente ignoradas, são dadas como das linguagens das ‘pessoas incultas’, ou de baixa classe. Segundo essa opinião, não se trataria de um fato norma do português brasileiro, mas de um ‘erro’ cometido por aquelas pessoas (coitadas) que não tiveram a sorte de uma educação formal insuficiente” (PERINI, 1997).

Neste caso vale ressaltar que os mais atingidos neste sistema seriam os jovens e adultos porque não tiveram oportunidade de estudar na idade regular. E seriam vistos como coitados, quando na verdade qualquer pessoa seja ela culta ou inculta poderia cometer falhas desse tipo (GAVALDÃO, 2016).

Qualquer leitor experto que conseguir avaliar sua própria leitura constará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível rapidez e proficiência. É o uso desse artifício que permite controlar o que vai sendo lido, tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, arriscar-se diante do ignorado, buscar no texto a constatação das suposições feitas etc. Um leitor competente, ativo é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentro dos trechos que circulam

socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua (ORLANDO e LEITE, 2018).

E Silva (2005) ressalta que o leitor curioso e interessado é aquele que está em constante conflito com o texto, conflito representado por uma ânsia incontida de compreender, de concordar, de discordar. Gerando um conflito que para quem ler não está gerando apenas o captar da leitura, estar levando para o texto experiência humana e intelectual de si mesmo. Agindo dessa forma o leitor consegue utilizar tática de leitura adequada para abordá-las de forma a atender com eficácia a essa necessidade. É importante ressaltar que segundo Silva (2005) ao experimentar a leitura, o leitor executa um ato de compreender o mundo.

Formar um leitor competente não é tarefa nada fácil, pois supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender de alguma forma a ler também o que não está escrito, identificando elementos não só explícitos, mas também os elementos implícitos; que estabelece relações entre o texto que lê e outros textos lidos anteriormente, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos presentes no texto (DADICO, 2017).

Um leitor considerado competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato hodierno, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da variedade de textos que circulam socialmente. Essa tarefa pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não aprenderam a ler convencionalmente (BORTOLANZA, 2019).

A leitura na escola tem sido um dos objetos mais importantes de ensino. Para que possa converter também em objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivo de realização imediata. Como aborda uma prática social complexa, a escola pretende transformar a leitura em objeto de aprendizagem, Ela deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la (GAVALDÃO, 2016). Isso expressa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações feita entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes “para quês” resolver um problema prático, informar-se, divertir-se, estudar, questionar, analisar escrever ou revisar o próprio texto e com as diferentes formas de leituras, isto é leitura: compreensiva, interpretativa, oral silenciosa, em função de diferentes objetos e gêneros: ler buscando as informações

relevantes, ou seja, o significado implícito nas entrelinhas, ou dados para a solução de uma dificuldade (GIBIM E GOMES, 2019).

Se a finalidade é formar cidadãos competentes capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se defrontam, é preciso organizar com eficácia o trabalho educativo para que saboreiem e assimilem isso na escola. Fica complicado quando os alunos não têm contato sistemático com bons materiais de leitura e com adultos leitores, quando não participam de práticas onde ler é ferramenta indispensável para a construção do conhecimento. Contudo, a escola deve oferecer materiais de qualidade, modelos de leitores eficientes e práticas eficazes. Essa pode ser a única oportunidade desses alunos interagirem significativamente com textos cuja finalidade não seja apenas a resolução de pequenos problemas do hodierno (ORLANDO e LEITE, 2018). É necessário, portanto, oferecer-lhes vários tipos de texto, para que se possam ter bons leitores, porque não se forma bons leitores apenas solicitando aos alunos que realizem leituras na sala de aula, apenas no livro didático, apenas a pedido do professor. Segundo Martins (2012) os livros didáticos resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho constante, assíduo com a diversidade

textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas seguramente não se formarão excelentes leitores.

O que verificamos e constatamos atualmente, diante das problemáticas é que é preciso extrapolar algumas concepções sobre o estágio inicial da leitura. A fundamental delas é a de que ler é meramente decodificar, transformar letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo uma enorme quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enorme dificuldade para compreender o que arriscam ler (DADICO, 2017).

A informação que se tem disponível a respeito do processo de leitura adverte que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centralizadas na decodificação. Ao contrário, é necessário oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os artifícios que os bons leitores utilizam. É preciso que antecipem que façam inferências a partir do conhecimento prévio do aluno, que verifiquem suas hipóteses. Para aprender a ler é preciso que o discente se defronte com os escritos que empregaria se soubesse mesmo ler. Podemos observar que os materiais feitos exclusivamente para ensinar a ler não são bons o suficiente para aprender a ler. Tem servido apenas para ensinar a decodificar,

cooperando para que o educando construa uma visão empobrecida da leitura (FINKLER e NEGREIROS, 2018).

De uma forma ou de outra é preciso agir como se o discente já tivesse consciência daquilo que vai aprender. Entre a condição de destinatário de textos escritos e a falta de habilidade temporária para ler automaticamente é que reside a possibilidade de, com a ajuda dos que já são leitores, aprender a ler através da prática da leitura. Trata-se de uma situação na qual é indispensável que o discente deposite em jogo tudo que sabe para descobrir o que ainda não tem conhecimento, portanto, uma situação de aprendizagem. Essa circunstância requer do educando uma atividade reflexiva que, por sua vez, favorece a evolução de suas estratégias de resolução das questões oferecidas pelo texto (GAVALDÃO, 2016).

Portanto, para aprender a ler é preciso interagir com a variedade de textos escritos, testemunhar a utilização que os já leitores fazem dele em participar de atos de leituras; é preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado através do texto, o que está atrás e diante dos olhos, recebendo estímulo e ajuda de leitores experientes. É preciso também como aborda Silva (2005). Compreender a mensagem compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem__ eis aí os três propósitos fundamentais da leitura, que

em muitos ultrapassam quaisquer aspectos fundamentais utilitarista, ou meramente “livrescos”, da comunicação leitor- texto (SILVA, 2005).

Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência do cidadão, mas também um modo de existir, de estar presente, no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo. Há determinados textos que podem ser lidos apenas por partes, buscando-se a informação necessária, há outros que precisam ser lidos exaustivamente e várias vezes por sinal. Há outros textos que podem ser lidos velozmente, outros devem ser lidos lentamente (BORTOLANZA, 2019). Há leituras que é necessário controlar atentamente a compreensão, voltando atrás para certificar-se de que realmente está sendo interpretada; outros em que se segue adiante sem nenhuma dificuldade, entregue apenas ao mero encanto de ler. Há leituras que requerem um enorme esforço intelectual, e a despeito disso, se deseja ler sem querer fazer nenhuma pausa; outras em que o esforço é mínimo, e mesmo assim, o desejo é deixá-las para depois (GIBIM E GOMES, 2019).

Uma prática constante de leitura deve-se, no entanto, admitir várias leituras, pois outro ponto de vista que deve ser extrapolado é o tal mito da interpretação

única, fruto do pressuposto, de que o significado está totalmente explícito no texto. Constrói-se o verdadeiro significado pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não somente do que se encontra escrito, mas do conhecimento que traz para o texto (DADICO, 2017).

É indispensável que o professor busque compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos: às vezes é porque o autor fez um jogo com as palavras para a partir daí provocar interpretações múltiplas: às vezes é porque o texto é completamente difícil ou confuso: às vezes é porque o leitor realmente tem pouquíssimo conhecimento sobre o assunto tratado e, a despeito de seu esforço, compreende muito mal. Há determinados textos nos quais a diferente interpretações fazem sentido e são mesmo indispensáveis: é o caso de bons textos literários. Há outros que não: como textos instrucionais, enunciados de atividades e problemas matemáticos, por exemplo, só cumprem suas finalidades se houver compreensão do que deve ser realizado (FINKLER e NEGREIROS, 2018).

Por isso, para realmente tornar os alunos bons leitores, para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso pela leitura, a escola terá o compromisso de mobilizá-los internamente, pois o compromisso de aprender a ler e também ler para aprender

requer empenho. Precisar fazê-los descobrir que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente com esforço dará autonomia e independência ao discente (GAVALDÃO, 2016).

Formar leitores reflexivos e críticos é algo que requer, portanto, condições adequadas para o exercício de leitura, que não se prenda apenas aos recursos materiais que se tem disponível, pois na verdade, o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do prazer pela leitura. Somente para não esquecer. Essas são algumas das condições: dispor de uma excelente biblioteca na escola; dispor, nos ciclos iniciais, de um acervo de classe com uma boa quantidade de livros e outros materiais de leitura; saber organizar momento de leitura em que o professor também possa participar deste momento; planejar sempre as atividades diárias garantindo que as leituras tenham também a mesma importância que as demais atividades; dar possibilidade ao aluno para que ele possa escolher suas leituras; garantir que os alunos não sejam interrompidos no momento da leitura; possibilitar que o aluno sempre que necessário possa ter o livro emprestado; criar na escola uma política de formação de leitores na quais todos possam contribuir com sugestões para desenvolver uma

prática constante de leitura que engloba, sem exclusão, o conjunto da unidade escolar (BORTOLANZA, 2019).

São importantes também que se façam propostas didáticas orientadas especificamente no sentido de formar leitores críticos, reflexivos. A seguir apresentaremos algumas sugestões para o trabalho com o discente, que as mesmas podem servir de base para a geração de outras propostas. Deve ser sempre hodierno, o trabalho com a leitura. E sabemos que, há várias possibilidades para isso, pois a leitura pode ser realizada: silenciosa ou individualmente, em voz alta sendo realizada individualmente ou em grupo, isto é, quando fizer sentido dentro da atividade realizada; também pela escuta de alguém que se dispõe a ler (ORLANDO e LEITE, 2018).

É necessário que haja alguns cuidados, vejamos: toda proposta de leitura quando é realizada em voz alta precisa fazer sentido dentro da atividade na qual se insere e o discente deve realizar a tarefa silenciosamente, isto é, com antecedência, uma ou mais vezes; pode haver diferentes interpretações para o mesmo texto, nesse caso, se faz necessário negociar o significado, cabe, portanto ao docente, orientar a discussão; convém, ao propor atividade para o discente, explicar o objetivo da mesma e prepará-los antes, isto é, fazer com que os alunos levantem

hipóteses sobre o tema a partir do título abordado; é importantíssimo refletir junto com os alunos sobre as diferentes modalidades de leituras, e os procedimentos que elas requerem do leitor (DADICO, 2017).

Leitura colaborativa na escola

A leitura colaborativa é uma atividade realizada pelo professor em que o mesmo lê um texto junto com a classe, no decorrer da leitura questiona aos alunos sobre a pista linguística que dão possibilidade a atribuição de determinados sentidos. Para melhor exemplificar me valho das palavras de MARTINS (2012) “a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta”.

Aborda, portanto, uma estratégia didática para o trabalho de formação de leitores reflexivo e críticos (GAVALDÃO, 2016). É de suma importância que os alunos envolvidos neste tipo de atividade possam explicar para os seus colegas os procedimentos que utilizam para atribuir sentido ao texto: como e por quais pistas linguísticas lhes foi possível realizar tais ou quais inferências, antecipar determinados acontecimentos, tornar válidas antecipações

feitas, entre outras. A possibilidade de questionar, ao texto a diferenciação que existe entre realidade e ficção, a identificação de elementos que são discriminados e recursos persuasivos, a interpretação de sentido figurado, a inferência que é feita sobre a intenção do autor, são alguns dos aspectos relacionados à compreensão de textos, para os quais a leitura colaborativa tem muito e muito a contribuir (BORTOLANZA, 2019).

Esta compreensão crítica depende em grande parte desse procedimento. É de suma importância seguir essa regra para que se possam ter resultados satisfatórios. Levando em conta as tarefas de leituras realizadas pelos discentes e coordenadas pelos docentes, há aquelas que podem ser realizadas pelo professor (GIBIM E GOMES, 2019). Levamos em consideração a essas tarefas as leituras de livros e capítulos compartilhadas, possibilitando ao discente o acesso a textos bastante longos e às vezes bastante difíceis que, por sua qualidade e beleza, podem vir a deslumbrá-los, ainda que nem sempre consigam lê-los sozinhos. Queremos enfatizar que nem sempre a leitura em voz alta realizada pelo professor não é prática comumente na escola. E, quando mais as séries serão

avançadas, mais incomum se torna este método, coisa que não deveria acontecer, pois muitas vezes, são os próprios discentes, principalmente os maiores que mais precisam de bons modelos de leitores (FINKLER e NEGREIROS, 2018).

Dessa forma podemos perceber que na escola, uma metodologia de leitura intensa é importante por várias razões, pois ela pode: ampliar a visão de mundo do discente e inserir o leitor na cultura letrada; estimular o desejo por outras leituras; dar possibilidade de vivenciar as emoções, o exercício da fantasia e da imaginação; permitir a compreensão do funcionamento comunicativo da escrita no hodierno: escreve-se para ser lido; expandir o conhecimento a respeito da leitura; fazer com que o leitor se aproxime do texto tornando-os familiares; possibilitar produções orais, escritas e em outras linguagens informar como escrever e dar sugestões sobre o que escrever; possibilitar ao leitor para que ele possa compreender a relação que existe entre a fala e a escrita. É de fundamental importância a prática intensa de leitura na escola, e, é sobretudo necessária porque a prática de leitura ensina o discente não somente a escrever, mas a gostar de escrever (DADICO, 2017).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desse artigo expandiu o conhecimento sobre a importância da leitura na vida do discente. E abordar os principais fatores para se formar um leitor investigativo e reflexivo diante das dificuldades encontradas pelo mesmo na unidade escolar.

Ao refletir sobre as várias possibilidades de leituras, consegui detectar que é necessária vontade, determinação e o hábito assíduo pela leitura para se transformar em um cidadão reflexivo e crítico. Acredito que a falta de prática constante de leitura e de um trabalho mais sistemático com as questões formais deve ter contribuído para a presença de leitores não capacitados

Em alguns casos há de fato algumas regras para ajudar o principiante. Por essa

razão, o docente deve trabalhar constantemente com vários tipos de leituras, como por exemplo: relato de fatos reais, conversas, troca de ideias, leituras, entre outras. Mas para isso o discente irá precisar da ajuda do professor.

É necessário também que o professor planeje situações específicas de aprendizagem, considerando o gênero que irá ser trabalhado em sala de aula, o assunto e o tipo de público que se quer atingir.

Vale ressaltar que o leitor investigativo e reflexivo assume um papel importantíssimo no meio social e, quando este assume seu papel de leitor reflexivo possibilita a outros alunos a expressão das experiências dos colegas, valorizando assim seus conhecimentos.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 5 ed. São Paulo: Associados, Cortez. 1983

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 19. ed. brasiliense, 2012.

PERINI, Mário A. **Sofrendo a Gramática**. São Paulo, Ática, 1997.

SILVA, E.T. **Leitura e realidade brasileira**. 4ed. Porto Alegre: Mercado Aberto (Série novas perspectivas) 1988.

SILVA, E.T. **O ato de ler; fundamentos psicopedagógicos para uma nova**

pedagogia da leitura. 4ª edição __São Paulo: Cortez: autores associados, 1987.

SILVA, E.T. 1948 – **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. – 10. ed. – São Paulo: Cortez, 2005.

GIBIM, G. S.; Gomes, C. A. V. **Processos mediadores na formação do leitor: uma análise histórica – cultural**, 2019.

FINKLER, M.; Negreiros, D. P. Formação x educação, Deontologia x ética: repensando conceitos, reposicionando docentes. **Rev. ABENO**, 2018.

ORLANDO, I. R.; Leite, S. A. S.

Formação de leitores: a dimensão afetiva na mediação da família, 2018.

DADICO, L. **Modos de Ler Livros em Meios Digitais: Transformações da Experiência**, 2017.

BORTOLANZA, A. M. E. Perspectiva histórica das práticas escolares de leitura no Brasil: entre rupturas e continuidades. **Educar em Revista**, Volume 35 N° 75, 2019.

GAVALDÃO, N. **Letramento e Teatro Digital: Produção Textual**. 2016